

A paisagem Duriense a partir de uma obra de John Gibbons¹

Fátima Loureiro de Matos²

RESUMO

Neste artigo a partir da obra de John Gibbons *I Gathered no Moss*, procuramos descrever a paisagem do Douro, vista a partir de uma pequena aldeia perdida nas vertentes deste rio, Coleja, no concelho de Carrazeda de Ansiães. A obra de John Gibbons pode ser integrada nos relatos de viagens, escritas por autores estrangeiros, que ganham grande expansão a partir de meados do séc. XVIII, num corpo que ficou conhecido por “literatura de viagens”. Nestes relatos sobressaem descrições de paisagens que revelam uma sensibilidade plenamente do Romantismo, não possuem propriamente um carácter científico, destinam-se, sobretudo, ao comum dos leitores. O autor permanece em Coleja quatro meses e descreve com pormenor as características da região e da população, para além de outros percursos que realiza, como a ida a Carrazeda de Ansiães, ao Porto e Miranda do Douro.

Palavras-Chave

Paisagem, Douro, John Gibbons, Viagem, Estado Novo

ABSTRACT

In this article from the book of John Gibbons *I Gathered no Moss*, we describe the landscape of the Douro see from a small village lost in the slopes of this river, Coleja, in the municipality of Carrazeda de Ansiães. John Gibbon's book can be included in travel reports, written by foreign authors, which earn large expansion from the mid 18th century, a body which became known as "travel literature". In these reports emerged descriptions of landscapes that reveal a sensitivity fully of Romanticism, don't have a scientific nature, intended primarily to public readers. The author remains in Coleja four months and describes in detail the characteristics of the region and the population, in addition to other journeys that he does, such as to Carrazeda de Ansiães, to Porto and Miranda do Douro.

Keywords

Landscape, Douro, John Gibbons, Travel, "Estado Novo"

¹ Gibbons, John (1882-1949) - *I Gathered no Moss*, 1939 (Tradução portuguesa, com o título *Não criei Musgo*, edição da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães aquando da Comemoração dos 250 anos da Vila de Carrazeda de Ansiães em 1984). Este livro foi premiado com o Prémio Camões em 1939, referente à melhor crítica em língua estrangeira acerca de Portugal, instituído pelo então Secretariado de Propaganda Nacional. John Gibbons, foi também responsável pela tradução, para inglês, do Livro de António Ferro "Salazar". A nossa escolha desta obra para análise de algumas das características perdidas da paisagem rural duriense é um pouco nostálgica, pois faz-nos reviver um tempo em que como técnica da Associação de Municípios da Terra Quente Transmontana convivemos de perto com as contradições das mudanças, mas ao mesmo tempo com um território onde a beleza esculpida e gerida pela comunidade, é sem dúvida um dos seus maiores atractivos.

² Professora Auxiliar do Departamento de Geografia da FLUP, fmatos@letras.up.pt

Introdução

São várias as obras de descrição geral e relatos de viagens, escritas por autores estrangeiros acerca de Portugal³ até à publicação de *I Gathered no Moss*, onde encontramos uma panorâmica geral das características físicas e socio-económicas do país em várias épocas da história.

Na verdade a partir, sobretudo de meados do séc. XVIII, sucedem-se vários relatos de viagens, em cartas, diários e memórias, em obras de pendor informativo ou fantasioso, ou em fusão de ambos, constituindo textos cada vez mais valorizados, num corpo conhecido por “literatura de viagem”.

Particularmente no século XVIII mas, também, no século XIX, publicam-se vários relatos de viagens protagonizadas por escritores, eruditos, cientistas, simples turistas e até pelos chamados “naive travellers”⁴. O hábito de viajar ganha, um carácter educativo e cultural, sendo frequente os jovens nobres e burgueses, sobretudo do Norte da Europa, efectuarem viagens como complemento da sua educação.

A este propósito refira-se, a “longa tradição inglesa dos relatos de viagens, que se terá iniciado com o *Grand Tour*, a viagem iniciática pela Europa dos jovens das classes superiores inglesas e que se desenvolveu e floresceu sobretudo a partir de 1660, até ao momento da chegada do caminho-de-ferro, mais particularmente na década de 1840 ... [O] advento dos transportes de massas, por volta de 1825 não impediu a continuação do *Grand Tour* ... passou a significar viagens mais fáceis, seguras e abertas a todos, inclui novos países nos programas das viagens” (Pinho, 2009, p. 108).

Esta expansão das viagens, não é alheia, portanto, ao desenvolvimento dos meios de transportes, sobretudo o ferroviário, o marítimo e mais tarde, após a 1ª Guerra, o rodoviário, o que possibilitou uma maior liberdade de viajar, o que aliado a uma melhoria das condições económicas e sociais, tornam as viagens mais acessíveis a um número cada vez maior de pessoas.

Os relatos de viagens, realizados por autores ingleses⁵ entre os séculos XVIII e XIX, “apresentam bastantes semelhanças, tendo sido de facto nestes dois séculos que se teria verificado a chegada de um número significativo de viajantes ingleses a Portugal, assim como a elaboração de diversos relatos de viagem...os quais, na sua generalidade...não veiculavam uma imagem favorável do nosso país,

³ Veja-se, entre outros, os referidos na Bibliografia Geográfica de Portugal, do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, 1948, com os números: 249, 251, 251 a, 257, 260 a, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 271, 272 274, 275, 277, 283, 284, 287, 288 e 289.

⁴ Cite-se, por exemplo, DALRYMPLE, Major - *Viages por Espana y Portugal*, 1777; MURPHY, J. - *Travels in Portugal*, Londres: 1785; BOURGOING, J.F. - *Voyage du Duc du Châtelet en Portugal*, 2 Vols., Paris ano XI (1801), 2ª ed. ; HEERING, G.V. - *Meine Reise nach Portugal im Frühjahr 1836*. 2 vls., Leipzig, 1838 e DUIJL, A. G. Van - *Tien dagen in Portugal*. 2 Vols, Amsterdam, 1883. Referidos na Bibliografia Geográfica de Portugal.

⁵ Cite-se, por exemplo, entre outros: FIELDING, Henry - *The Journal of a Voyage to Lisbon*. A. Miller, 1755; BECKFORD, William - *Italy with sketches of Spain and Portugal*, 2 Vols, London: Richard Bentley, 1834; MURPHY, James - *A General View of the State of Portugal*. London: T. Cadell Jun and W. Davies, 1798; TWISS, Richard - *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773*. London: Printed for the author, 1775; KINSEY, W. Morgan - *Portugal Illustrated*, 2ª ed. London: Treuttel and Wurtz, 1829 e HARRISON, W. Henry - *The Tourist in Portugal*. London: Robert Jennings, 1839, citados em Calado (2005), p. 15-16.

sendo...salientados o seu atraso económico, a barbárie das tradições religiosas e a ignorância do povo.” (Calado, 2005, p. 16).

Refira-se, ainda, que o primeiro guia turístico sobre Portugal é publicado em 1793, o *Guide d'Espagne et du Portugal* de Hans Ottokar Reichard, “considerado o “Michelin” da época, segundo a Introdução à edição de 1971” (Kulmacz, 2001 p. 6).

Nestes relatos sobressaem descrições de paisagens que revelam uma sensibilidade plenamente do Romantismo, não possuem propriamente um carácter científico, destinam-se, sobretudo, ao comum dos leitores. Ainda que alguns, apresentem narrativas plenas de informação, de estatísticas e de descrições sistemáticas, e outras em que a sensibilidade do autor, a sua relação com o objecto e com a natureza, são os aspectos primordiais.

Entre os dois conflitos mundiais Portugal parece ganhar um certo protagonismo enquanto destino escolhido por vários viajantes estrangeiros, destacando-se entre estes os ingleses, associado, como já referimos, ao *Grand Tour*, que descobrem relativamente perto de si um país pouco industrializado, hospitaleiro e tranquilo. Situação que não é alheia a um conjunto de medidas que se vão sucedendo em Portugal, com o objectivo de divulgar o país como destino turístico, entre estas saliente-se, a criação da Repartição de Turismo, que edita vários folhetos turísticos sobre o país, encomenda filmes sobre Portugal enquanto destino turístico, para além de diversa legislação relativamente à construção de hotéis e às condições de funcionamento e higiene, das instalações hoteleiras e similares.

A partir do início do séc. XX, são edificados vários hotéis de luxo, nas áreas termais, o Palace-Hotel do Vidago, o Grande Hotel do Buçaco, vários hotéis na Cúria e também nas áreas balneares, caso do Estoril, por exemplo. Em 1931, são fundadas as Casas de Portugal em Paris e Londres, que visavam a representação de Portugal, nomeadamente, como destino comercial e turístico, particularmente, a divulgação das paisagens naturais, das estâncias termais e dos tesouros artísticos do país.

Sucedem-se, assim, várias narrativas de viagem por autores ingleses⁶, que apostam, sobretudo, na divulgação do país, descrevendo a beleza das suas paisagens naturais, a sua história, arquitectura, as festividades religiosas, sendo poucas as que se referem à situação política e económica do país⁷. Nestas obras, salientam-se, sobretudo, as descrições de Lisboa, Sintra, do Minho, Porto, Aveiro, Espinho, Coimbra, Figueira da Foz, Alcobaca, Leiria, Buçaco e Fátima (Calado, 2005, p.38-44).

⁶ Cite-se, por exemplo, entre outros, BELL, Aubrey - *Portugal of Portuguese*. London: Isaac Pitman & Sons, 1915; HARDINGE, Arthur - *A diplomatist in Europe*. London: Jonathan Cape, 1927, MARDEN, Philip - *A Wayfarer in Portugal*. London: Methuen & Co, 1927, SMITHES, Marion - *Things seen in Portugal*. London: Seeley Service, 1931; GIBBONS, John - *Afoot in Portugal*. London: George Newness Ltd., 1931; Idem - *Playtime in Portugal. An unconventional guide to the Algarve*. London: Methuen & Co, 1936; Idem - *I Gathered no Moss*. London: Robert Hale Ltd., 1939; GORDON, Helen C. Gordon - *My Tour in Portugal*. London: Methuen & Co. Ltd., 1932 e GOLDRING, Douglas - *To Portugal*. London: Rich and Corven Ltd, 1934, citados em, Calado, (2005) p. 30-37.

⁷ Somente, FOX, Ralph W. - *Portugal Now*. London: Lawrence and Wishart Ltd., 1937, faz uma dura crítica ao governo vigente e denuncia a pobreza em que vivia a maioria da população, ainda que alguns dos autores referidos, descrevam também a pobreza da agricultura e a fraca industrialização, Calado (2005), p. 35. e p. 57-62.

No entanto, apesar do grande número de obras publicadas deste género, não são abundantes relatos de autores estrangeiros incidindo, particularmente, sobre uma pequena aldeia do Alto Douro - Coleja - perdida nas vertentes do rio⁸.

Em 1938⁹ a região do Alto Douro¹⁰ encontrava-se isolada do restante país podendo ser caracterizada, em termos paisagísticos, como um anfiteatro coberto de vinhas, uma paisagem construída com o esforço e suor de várias gerações, abrigando, escondidas entre as encostas do rio, minúsculas aldeias e belas quintas produtoras do afamado vinho do Porto, tão apreciado pelos ingleses.

Virgílio Taborda, na sua obra, publicada anos antes, refere-se a esta Região como "Baixo" Trás-os-Montes, distinguindo-a de um "Alto" Trás-os-Montes, em que, como afirma o autor " (...) somente a diferenciação das 'fáceis' agrícola e económica permite separar uma da outra e, ainda assim, grosseiramente. É a realidade e importância da cultura da vinha que imprime um cunho especial à região duriense, foi essa forma particular de ocupação do solo, com os factores geográficos e económicos que daí resultaram, que criou e justifica a sua autonomia demográfica" (Taborda, 1932, p. 14).

É esta deslumbrante paisagem, com uma morfologia única em que a acção do homem deixou traços inconfundíveis, que um passageiro *sui generis* encontra ao desembarcar na Estação do Vesúvio¹¹, tendo como destino final a pequena aldeia de Coleja, pertencente à freguesia de Seixo de Ansiães, do concelho de Carrazeda de Ansiães.

" Quando saí fiquei ofuscado pelo brilho do sol e senti-me completamente ridículo metido naquelas roupas londrinas... mal saltei das alturas do meu típico comboio continental, senti-me como um pormenor que não fazia parte da cena" (Gibbons, 1984, p. 25).

Nesta aldeia, partilhou com os camponeses quatro meses das suas vidas, descrevendo com pormenor as características daquela região, os seus problemas e anseios.

John Gibbons, escritor pouco conhecido e jornalista, nasceu em Londres em 1882. Até 1928 foi empregado do *British Museum* onde decifrava manuscritos antigos dos arquivos deste museu. Neste mesmo ano, devido à grave doença da sua filha mais nova, leva a filha em peregrinação a Lourdes, então escreve as suas recordações desta viagem -*Tramping to Lourdes*, que foi publicada pela *Methuen & Co* e traduzida para francês, com o título *Le Vagabond de Notre Dame*.

Em 1929, o autor assina um contrato de três anos com a *The Wide World Magazine* e é, a partir daqui, que o autor começa uma autentica vida de "cavaleiro errante",

⁸ Existem algumas obras de autores estrangeiros referentes ao Alto Douro, incidindo, particularmente, sobre o problema do vinho do Porto, veja-se os números 1724, 1727, 1730 e 1735, da Bibliografia Geográfica de Portugal, do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, 1948.

⁹ A estadia de John Gibbons, em Coleja, prolongou-se entre Outubro de 1938 e Fevereiro de 1939.

¹⁰ O Alto Douro, constitui uma designação já antiga, sendo utilizada desde meados do século XVIII, para referenciar a região vinhateira e a sua individualidade regional. Lembre-se, que a Região Demarcada do Douro, é a primeira região vitícola a ser demarcada a nível mundial em 1756, cobrindo uma área que ultrapassa os 250 000 ha.

¹¹ Apeadeiro da Quinta com mesmo nome.

percorrendo 28 países, sempre por caminhos pouco conhecidos, viajando a pé ou de comboio em 3ª classe.

Ao longo dessas viagens vai escrevendo o que vê e o que sente, relatando de uma forma simples, viva e por vezes cómica as suas aventuras.

A sua primeira estadia em Portugal levou-o ao Algarve e Alentejo, decorria então o ano de 1930, tendo então escrito o livro *A Foot in Portugal*, para depois voltar em 1934, a convite das Comissões de Iniciativa de Turismo da região Algarvia e escreve *Playtime in Portugal - An Unconventional Guide to the Algarve*.

Segundo Rui Pedro Pinto (2009), a obra de Gibbons *Não criei Musgo*, é um compêndio ideológico do Estado Novo, onde se constata “uma evidente sobreposição de planos discursivos entre o registo do autor inglês e a ideologia salazarista de valorização do ruralismo, traduzida na exaltação do viver das comunidades aldeãs, como se especialmente nestas se abrigassem os mais sólidos e admiráveis sentimentos de abnegação e de patriotismo, de autenticidade e de genuína pureza”.

Reconhecemos, facilmente, na descrição que Gibbons faz dos camponeses de Coleja o arquétipo do chefe de família, honesto, devoto e ordeiro, tido como o espelho do homem novo do salazarismo, o ser virtuoso, suporte da defesa e da ordem nova.

2. Como vem o autor “desembarcar” em Coleja?

Uma das primeiras questões que nos levanta este livro, é qual a razão porque Gibbons escolheu Coleja como destino da sua estadia em Portugal, uma minúscula aldeia perdida nas vertentes do Douro, que não vinha no mapa, nem referida em qualquer roteiro turístico da época.

Tendo sido aconselhado pelo seu editor a escrever o seu novo livro no estrangeiro, uma vez que este considerava que o seu forte eram os relatos de viagem¹², após ponderada escolha entre os vários países que conhecia, Portugal era aquele que possuía uma vida mais barata, permitindo-lhe, assim, sobreviver com o adiantamento feito pelo seu editor.

Quanto à escolha de Coleja, ele próprio explica a razão do "fantástico golpe de sorte" que teve - "acontece que conheço um cavalheiro português¹³, que reside em Londres, cuja família é oriunda de uma aldeiazinha do Alto Douro (...) ainda possuía lá uma casinha - e talvez uma cama, segundo o meu amigo. Se eu quisesse podia ali passar uns meses." (Gibbons, p. 20).

¹² A ideia inicial de Gibbons era escrever uma autobiografia, que contudo não se veio a concretizar, ainda que, em alguns capítulos da obra o autor se detenha em alguns detalhes autobiográficos, sobretudo, no segundo e quinto capítulos.

¹³ "Alcino Moutinho, filho de João Moutinho. Este aos 12 anos deixou a sua Terra Natal e partiu para o Porto como ajudante de balcão, tornou-se depois proprietário de uma casa que fabricava peças em prata e conseguiu fortuna. Foi ele que mandou edificar o edifício da escola primária, com moradia anexa para a professora, [que ainda hoje serve a aldeia]" nota da tradução, p.20 e entrevista de John Gibbons dada ao Diário de Notícias de 23/03/1940, aquando da sua estadia em Portugal para receber o Prémio Camões obtido com esta obra.

3. A descrição de Coleja

Para quem, como nós, teve a oportunidade de conhecer Coleja, percebe bem o entusiasmo com que Gibbons descreve a sua primeira visão desta aldeia. Na verdade, dada a sua posição encaixada na vertente Norte do Douro, voltada para o rio, aproveitando um pequeno valeiro e envolta por socalcos talhados ao longo da encosta do rio a montante do famoso Cachão da Valeira¹⁴, é uma "bênção aos olhos", de qualquer viajante.

Mas deixemo-nos envolver pela "paisagem de sonho" descrita pelo autor, em que a natureza é apreendida através de todos os sentidos, sob todas as formas. "(...) Montanhas a perder de vista, enormes picos afiados de rocha pura, selvagem, socalcos de terra arável um pouco mais abaixo (...) no topo do apertado vale que sobe a pique desde o Douro (...) estamos, digamos, numa autêntica cavidade da montanha, e por cima de nós acastelam-se penhascos com cerca de cem pés de altura. Nesta espécie de concha ergue-se a nossa povoação, que, tinha pouco menos de cem "fogos"¹⁵. (...) À vista não há uma jarda de terra arável, pois esta situa-se no interior da dita concha. As casas que trepam a pique por cima dos telhados umas das outras são na sua maioria brancas (...)" (Gibbons, p. 31-32).

O autor descreve, ainda, as características principais da povoação, primeiro descreve as habitações, tipicamente transmontanas cujo princípio dominante é abrigar sob o mesmo tecto a habitação (no primeiro andar - o sobrado, geralmente com um ou dois quartos, a cozinha e a varanda coberta que serve para secar cereais ou roupa) e as lojas, no rés-do-chão, que compreende, normalmente, os estábulos - o curral -, o celeiro e a adega, onde se abriga o gado, se guarda a lenha, as alfaias e produtos agrícolas.

"(...) Há uma espécie de cozinha (...). Logo a seguir, encontra-se uma divisão muito agradável, que é uma espécie de sala de estar-trabalhar-e-jantar. A seguir, (...) um quarto. Não existem janelas, mas a luz penetra tanto por um vidro coalhado colocado entre as telhas como pela porta, que geralmente está aberta. Esta dá para uma varanda larga, com telhado alto (...) no rés-do-chão, e ligado por uma pequena escada, fica o estábulo da mula" (Gibbons, p. 32-33).

A casa, não se confina apenas à sua função de abrigo familiar, englobando, também, outras funções, de abrigo para o gado e armazenamento de produtos e alfaias agrícolas, vitais ao regime de auto-subsistência, ela é uma unidade económica e social integrada, que constitui o quadro territorial da vida doméstica, humana, animal e vegetal.

Apesar de muitas destas casas tradicionais, ainda sobreviverem na paisagem de Coleja ou em outras aldeias Transmontanas, elas têm vindo a ser substituídas por novos modelos arquitectónicos, fruto do investimento da população retornada das antigas colónias, emigrantes¹⁶, ou ainda, algumas têm sido recuperadas ou construídas de novo

¹⁴ Que se tornou, célebre devido ter provocado a morte do Barão de Forrester em 1861, num naufrágio do barco onde seguia, também, a não menos célebre Dona Antónia Ferreira, grande impulsionadora da Casa Ferreirinha.

¹⁵ Em 1981, Coleja possuía 108 habitantes, em 1991 88 e em 2001 68.

¹⁶ No caso da Terra Quente Transmontana, o número de emigrados em França é o mais significativo, seguido pelos que se encontram na Alemanha, sendo também estes dois países que possuem o maior número de emigrantes que têm voltado para a Terra Quente.

para segundas habitações de fins-de-semana ou para férias de populações oriundas das áreas urbanas, cujo único elo de ligação com os anteriores modelos, são as varandas exteriores, ainda que, mais estreitas e a estrutura em dois pisos.

Quanto à povoação, é assinalada a sua morfologia em "cascata", adaptada às características topográficas do terreno e os equipamentos de que dispõe: a escola (edificada entre 1915-1916); o forno comunitário; a loja da Sra. Clara - "temos uma loja instalada na casa da Sra. Clara, que nem sempre está aberta, ou por a dona não estar, ou por falta de artigos para vender" (Gibbons, p. 174); os vendedores ambulantes, "(...) nem para tudo estávamos dependentes de Carrazeda, assim, tínhamos os nossos bufarinheiros, semelhantes aos vendedores ambulantes escoceses de há século e meio atrás. O "homem dos cobres" ou o "homem do barro", "a presença regular da mulher das sardinhas" (Gibbons, p. 175-176); o cinema ambulante; o sapateiro, o barbeiro - que também vendia vinho (o consumo como é conhecido, o vinho tinto corrente e assim designado pelo autor) e era o local de reunião dos homens ao Domingo; uma forja (o tronco, local onde eram ferrados os animais); dois lagares de azeite; a pequena igreja, sem pároco e o cemitério.

Tratando-se de uma região em que as actividades agrícolas dominavam a estrutura económica local, o autor salienta as características da estrutura fundiária - a propriedade individual, na sua maioria de pequena superfície e muito fragmentada.

Faz, ainda, referência às principais culturas locais:

- a vinha, e com ela a presença dos ingleses na área¹⁷, não podemos deixar de salientar que Coleja se encontra situada em plena Região Demarcada do Douro, mais concretamente na sub-região do Cima Corgo, em que o vinho do Porto é de superior qualidade. Para além do vinho do Porto, o autor não deixa de referir o vinho de consumo, feito pelos próprios lavradores, o qual, aliás ajudou-o a aquecer os longos dias frios, "o vinho de consumo está-lhes na massa do sangue e as crianças, mal a mãe deixa de as amamentar, começam logo a bebê-lo aos golinhos (...). Na quinta do Serafim¹⁸, havia sempre uma garrafa cheia e cada vez que eu entrava na sala enchiam-me um copito com a maior naturalidade... (Gibbons, p. 39);

- o cereal e a oliveira, relativamente a esta última o autor descreve e participa numa das actividades principais do calendário agrícola - a apanha da azeitona -, que envolve toda a população da aldeia, os olivais revestem a maior parte das encostas, tendo substituído a vinha, após a filoxera¹⁹, "(...) todas as pessoas da aldeia são recrutadas, incluindo as de dois anos de idade e a escola fica fazia. A colheita é uma espécie de festa familiar. (...) Apesar do trabalho ser bastante duro e obrigar as costas a estarem permanentemente vergadas, as mulheres cantam enquanto apanham os minúsculos frutos" (Gibbons, p. 193-195).

¹⁷ Ligados à produção e comercialização do vinho do Porto e proprietários de diversas Quintas no Douro, sendo o autor convidado para um almoço na Quinta da Senhora da Ribeira ou Inglesa, pertencente a "uma família Inglesa que possui há quatro gerações uma das maiores firmas de comércio de vinho do Porto", Gibbons, p.143.

¹⁸ O Serafim, era o aldeão que tinha sido contactado pelo seu amigo português de Londres para fornecer ao autor alimentação, era na sua casa que todos os dias, tomava as três refeições diárias.

¹⁹ O autor não deixa de fazer referências a esta doença, que atingiu a região entre 1870 e 1872, causando graves prejuízos, principalmente aos pequenos agricultores, levando à emigração da população e ao abandono de vários socalcos, ainda hoje, encontramos na paisagem duriense muitos destes "mortórios".

Após a apanha, a azeitona é transportada para o lagar, onde se transforma no azeite, uma das principais produções da região:

"O lagar, é composto por uma enorme tina [o moinho] circular de pedra e um boi que gira à volta eternamente, puxando uma viga de madeira com um cilindro de pedra em cada extremidade. As azeitonas são deitadas para dentro da tina e pouco tempo depois ficam transformadas em polpa. No outro lado da loja está o lagar, que consiste numa enorme e estranha maquina [a prensa], (...) vejo também uns cestos [ceiras] toscos, feitos à mão, com mais ou menos o tamanho de um pneu (...) um homem vai tirando pazadas de polpa e despeja-as dentro dos cestos. Há também uma fogueira acesa, onde é mantido um caldeirão com água a ferver e, a cada pazada de polpa que deita no cesto, o homem vai deitando por cima uma quantidade de líquido a ferver (...). Depois puxa uma alavanca, a prensa começa lentamente a descer e o azeite vai escorrendo através das fendas da verga dos cestos" (Gibbons, p. 207-208).

Ainda hoje, podemos encontrar alguns destes lagares tradicionais um pouco por todo Trás-os-Montes, no entanto, muitos deles estão a ser substituídos por lagares mais modernos, como por exemplo, o existente no Complexo Agro-Industrial do Cachão (agora designado Agro-Industrial do Nordeste - AIN, sendo gerido pelos municípios de Mirandela e Vila Flor e onde se encontram instaladas várias empresas ligadas à agricultura e a outras actividades).

A maior parte do azeite destinava-se a consumo próprio dos habitantes de Coleja, apenas uma pequena parte era vendida a negociantes que se dirigiam à povoação com esse objectivo.

Refere, também, à emigração, que afectou toda esta região, sobretudo a partir de finais do séc. XIX, com a expansão da filoxera, que provocou uma grave crise na economia agrícola local, que levou "[este] lugarejo longínquo e primitivo [a espriar-se] pelas regiões mais sofisticadas do globo. (...) [foram várias] as pessoas da aldeia que me pediram para escrever os seus nomes à máquina²⁰, em envelopes, para parentes nos Estados Unidos, no Brasil ou na África Portuguesa" (Gibbons, p. 57).

Outra das referências são a cheias do Douro, bastante frequentes na época do ano, em que o autor esteve em Coleja, "contaram-me que um certo ano o rio subiu tanto, que se espalhou por uma extensão de cem milhas, arrastando todos os barcos para o mar e quase submergindo o Porto" (Gibbons, p.161).

Ou ainda, as tarefas necessárias, para enfrentar o longo e frio Inverno, "outro preparativo para o Inverno é o armazenamento da lenha à porta de casa. O Serafim encarregou o empregado de cortar lenha o dia inteiro e a mula transporta-a às costas, em pilhas quase da sua altura... Todas as mulas da nossa aldeia andam nesta tarefa de armazenar lenha." (Gibbons, p. 162).

Para além da agricultura, o autor refere os outros meios de subsistência da população, a caça (sobretudo perdizes) e a pesca no rio Douro, que é descrita pelo autor com um certo sentido de humor, "o empregado tirou uma pedra enorme do fundo do barco, atou-lhe uma ponta da rede, lançou-a ao rio ...vamo-nos afastando lentamente, à medida que desenrolamos a rede... começamos a remar para trás... e o

²⁰ A máquina de escrever, que o autor tinha trazido, para ir escrevendo o seu livro.

empregado, com uma vara comprida, põe-se a dar vergastadas na água e a berrar... o homem está nitidamente a insultar o rio e calculo que seja para assustar os peixes e obrigá-los a descer até à rede.... Bem, de qualquer modo posso entreter-me a insultar o rio, porque ninguém percebe o que eu digo ... Os meus berros foram tão bons que consegui assustar os peixes” (Gibbons, p.249).

4. Os percursos feitos pelo autor na região:

4.1. Ida a Carrazeda de Ansiães - A Feira²¹

Nas aldeias transmontanas de economia exclusivamente agrícola, o comércio era relativamente restrito, apenas existindo o *Tem Tudo*, onde, como o nome o indica, se vendia de tudo. Como já referimos, em Coleja apenas existia uma loja deste tipo, daí que tenham um papel fundamental, na estrutura comercial desta região as feiras.

A feira constitui o espaço comercial tradicional sendo, simultaneamente, responsável por uma larga percentagem das transacções mercantis da região.

As feiras são, com efeito, a principal oportunidade e o principal espaço de transacção comercial de que dispunha a população. Estes pontos de encontro periódicos, dado o aglomerado humano que suscitavam e pela sua regularidade, constituíam um dos principais acontecimentos socioculturais da região, sendo o centro de difusão das notícias, daquilo que se passava no Mundo, assim o eram no passado, assim continuam, ainda que, progressivamente a sua importância, quer como local de comércio, quer de transmissão de informações, esteja a diminuir, a favor de novas formas comerciais (como, por exemplo, os supermercados, ou outros tipos de estabelecimentos comerciais mais especializados) ou de novos meios de comunicação (como, é o caso da televisão). Os negócios eram feitos, geralmente, entre discussões e gracejos, selados com copos de vinho e apertos de mão.

O dia de feira, constituía para os camponeses a folga das fainas agrícolas e para os seus filhos, muitas vezes, o primeiro contacto com o mundo exterior à aldeia. São algumas destas características que Gibbons nos transmite, quando descreve a sua ida à feira de Carrazeda²²:

"(...) Os animais, levam atados no lombo, com cordas, os sacos de géneros para vender na feira (...) Desemboco num campo aberto, o local onde se realiza a feira ao ar livre e vejo as mulheres tentando pacientemente vender objectos manufacturados. São capazes de caminhar cinco milhas para vender uma ou duas galinhas ou apenas alguns ovos!

²¹ A primeira saída que o autor fez para fora da área da povoação, conjuntamente com a professora e um grupo de crianças, foi para ir assistir à Celebração da Eucaristia (apesar de Inglês era Católico praticante) na Quinta do Vesúvio também conhecida como Quinta da Ferreirinha, situada na margem Sul do Douro, tendo atravessado o rio de barco, após uma longa caminhada a pé pela vertente que separa a aldeia das margens do rio.

²² O autor dirige-se a Carrazeda no intuito de poder obter uma licença de permanência por dois meses, o que conseguirá após alguns contratempos, como o episódio de tirar fotografias num fotógrafo ambulante em plena feira à chuva. Saliente-se ainda que "a sua licença de permanência durante cento e oitenta dias... ficou marcada com o número um no registo de Carrazeda de Ansiães" (p. 120). Actualmente em Carrazeda de Ansiães realizam-se três feiras por mês, nos dias 10, 20 e último do mês, e uma feira anual a 31 de Agosto.

(...) Carrazeda é uma vila bastante pitoresca, com cerca de mil habitantes, hoje invadida por uma multidão de camponeses (...) as lojas vendem de tudo, desde toucinho a frascos de perfume barato e estão apinhadas. (...) Neste pequeno centro de província podem apreciar-se alguns dos primeiros frutos do Novo Portugal: escolas novas, um hospital e até um pequeno bairro social" (Gibbons, p. 107-123).

4.2. A subida do Douro em comboio até Barca d'Alva²³

O autor descreve-nos a sua subida ao longo do Douro de comboio, até à fronteira espanhola em Barca d' Alva, referindo-se à "sensação de vastidão e altura tremendas [das vertentes do Douro], que se vai acentuando à medida que se sobe o rio" (Gibbons, p. 198-199).

Esta viagem, como foi efectuada durante a Guerra Civil Espanhola, despertou no autor a curiosidade de conseguir vislumbrar alguma movimentação no outro lado da fronteira, "ao passarem-se coisas tão emocionantes do outro lado, eu não podia deixar de tentar aproximar-me o mais possível. A guerra travava-se a milhares de milhas dali, mas tive a esperança infantil de ver qualquer coisinha" (Gibbons, p. 199).

Esta linha, que segue até Barca d' Alva tinha, então, um papel muito importante não só na economia transmontana, mas também como elo de ligação internacional, uma vez que, era fundamental para o transporte de mercadorias²⁴ e o único meio de ligação terrestre²⁵ entre as várias povoações das margens do Douro, dado que, o transporte rodoviário não tinha qualquer expressão nessa altura.

" O comboio misto que inicia o percurso na Régua, levando cerca de dez carruagens de carga e duas de passageiros. A linha de que falo é a única que estabelece a ligação entre as várias vilas,...não há autocarros nem camionetas por estas serras" (Gibbons, p.199).

" Chegamos a Barca d' Alva. A via-férrea segue até Fuentes San Esteban, onde faz a ligação com a linha internacional que vai por Medina até Salamanca, Irun e Paris (...). A fronteira está fechada e é rigorosamente proibido passar para além da Barca d' Alva" (Gibbons, p. 200).

Em Barca d' Alva Gibbons visitou a célebre "Quinta da Batoca", que pertenceu a Guerra Junqueiro.

²³ Esta linha-férrea começou a ser explorada em 1887. Actualmente o percurso de comboio até Barca d' Alva já não se efectua, visto que a ligação Pocinho - Barca d' Alva foi encerrada em Outubro de 1988, tal como aliás aconteceu com outras linhas desta região, caso da linha do Sabor (encerrada em Maio de 1981), a parte da linha do Tua, entre Mirandela e Bragança, (encerrado em Dezembro de 1991) e a ligação Vila Real-Chaves, da linha do Corgo (encerrado em Janeiro de 1990). A empresa Caminhos de Ferro Portugueses organiza, contudo, viagens de turismo até Barca d' Alva para se apreciar as amendoeiras em flor, nos meses de Fevereiro e Março em comboios especiais aos Sábados e Domingos ou em carruagens alugadas às Quintas-Feiras nos comboios regulares. Aliados ao percurso, por comboio, os viajantes dispõem de cinco itinerários rodoviários que permitem conhecer a região. A REFER em 2009 lançou um projecto de remodelação da ligação Pocinho – Barca d' Alva para fins turísticos.

²⁴ A construção de vias-férreas em Portugal obedeceu ao "objectivo repetidamente afirmado de incrementar as relações comerciais internacionais como provam, na prática, a orientação e a prioridade de construção das linhas em direcção á fronteira terrestre" (Alegria, 1990, p. 231).

²⁵ Na verdade, nesta altura, o transporte fluvial era, ainda, intenso ao longo do rio, contudo pouco a pouco foi perdendo a sua importância devido aos riscos que acarretava, sobretudo a montante da Régua.

É pena que, actualmente, não possamos refazer este espectacular percurso, visto que, como já salientamos, a CP, encerrou o percurso compreendido entre o Pocinho e Barca d' Alva. Desde a desactivação, desta e outras linhas da região, o imenso património desactivado foi votado ao abandono e ao vandalismo, situação que começa agora a ser alterada, através da reabilitação de vários destes percursos ferroviários para fins turísticos e até para implantação de ciclovias, como é o caso, por exemplo, das ciclovias do Corgo ou a do Sabor dada a sua beleza paisagística, que só pode ser apreciada ao longo das vias- férreas.

4.3. A visita a Miranda do Douro

Esta visita constitui a realização de um sonho que o autor acalentava desde a sua primeira visita efectuada a Portugal, durante esta primeira estadia e a altura que vai para Coleja, Gibbons tenta recolher informações sobre Miranda do Douro, "só encontrei três linhas no *Guide de Muirhead* e um pequeno parágrafo numa *Catholic Cyclopaedia*, ... Miranda era uma cidadezinha demasiado longínqua, com uma velha história e pouco mais" (Gibbons, p. 270).

A viagem, feita em parte de comboio²⁶ e em camioneta, demorou cerca de 11 horas, efectuada em pleno Dezembro, aliás poucos dias antes do Natal, estando um "frio gélido".

O autor refere, mais uma vez, a importância do comboio como único meio de comunicação com o exterior, "se rebentasse uma guerra mundial, a notícia chegaria sempre pelo comboio" (Gibbons, p. 273) e as grandes distâncias que separam as várias povoações, uma vez que as viagens eram muito lentas "...por volta das dez e meia chegámos finalmente a Miranda. Ao fim de oito anos! (foi o tempo que a viagem de comboio me pareceu levar)" (Gibbons, p. 274).

Na cidade o autor visita a sua Sé, as ruínas do antigo Paço Episcopal e a casa, onde o seu compatriota, General Wellington se tinha instalado durante as lutas travadas com os franceses aquando da invasão napoleónica. Descreve, ainda, a bela paisagem da garganta do Douro, o desfiladeiro que faz a fronteira com Espanha, conhecido regionalmente como "Arribas do Douro" onde hoje se encontra, a Barragem de Miranda, construída entre 1956 e 1960, fazendo parte, conjuntamente com as barragens do Picote e Bemposta, do aproveitamento hidroeléctrico do Douro Internacional.

O autor apresenta-nos um belo roteiro turístico de Miranda, onde não falta as referências ao típico capote transmontano, à dança dos Pauliteiros e ao célebre ex-líbris de Miranda o Menino Jesus da Cartolinha.

Para Gibbons Miranda é das mais belas cidades do Mundo valendo bem todo o esforço que fez para a visitar, "andei em muitas estradas, vi muitas coisas belas; mas a mais bela do Mundo, para mim, é Miranda... é quase inacessível; mas quando se chega até lá, pode uma pessoa considerar-se paga de todos os esforços" (entrevista ao Diário de Notícias de 23/03/1940).

²⁶ Antiga linha do Sabor, de via estreita construída entre 1911 e 1938, que ligava o Pocinho a Duas Igrejas. Actualmente, esta linha encontra-se desactivada.

4.4. Uma visita ao Porto

O autor vê-se forçado a uma visita à cidade do Porto, após ter apanhado uma forte gripe, que o obriga a ficar internado no Hospital Inglês²⁷ pertencente à Colónia Britânica residente no Porto, onde acaba por passar o Avo Novo.

Aproveita então para descrever um pouco a cidade. A descrição que faz, é não só a de um roteiro turístico, onde não faltam as referências quer a alguns monumentos que marcam a imagem turística da cidade, quer até mesmo a alguns dos seus locais mais típicos, ou dos pontos onde se vislumbram as melhores vistas panorâmicas. Salienta, ainda, alguns aspectos mais negativos, ou até mesmo algumas iniciativas do poder local, além de episódios mais trágicos (como é o caso das cheias) fruto de um espírito curioso e de uma observação cuidada da paisagem e vida da cidade. Assim sucedem-se as referências:

- ao Palácio de Cristal (aliás construído segundo os planos de um seu conterrâneo o arquitecto britânico Thomas Dillen Jones e que ainda não tinha sido destruído para dar lugar ao actual pavilhão Rosa Mota), "a melhor vista panorâmica da cidade será decerto a que se aprecia das torres erigidas nos jardins do Palácio de Cristal do Porto... a vista é esplêndida"(Gibbons, p. 307);

- à ponte D. Maria e D. Luís -"a ponte do comboio, construída por Eiffel... eleva-se uns bons cem pés acima do nível das águas do Douro... Existe ainda outra ponte, com dois tabuleiros..." (Gibbons, p. 307);

- às cheias do Douro - " quando caem as chuvas no Alto Douro, a água do rio sobe no desfiladeiro, chegando em certas ocasiões a inundar o tabuleiro inferior da ponte. A baixa do Porto está por demais habituada a ser inundada todos os Invernos..." (Gibbons, p. 308);

- à presença dos ingleses na cidade, "é no Porto que encontramos o edifício de uma "Feitoria" datada do século XVII²⁸... é também nesta cidade que se ergue a maior Igreja Protestante Inglesa do país²⁹ e tanto os marcos do correio como os capacetes dos polícias têm um certo ar britânico...Como não podia deixar de ser existe um Clube Inglês³⁰, muito apropriadamente situado na Rua das Virtudes" (Gibbons, p. 310);

²⁷ Que ficava situado na R. de Sobre-o-Douro, freguesia de Miragaia, construído em 1787.

²⁸ Esta foi construída entre 1785 e 1790, sendo o autor do projecto o então cônsul britânico no Porto, John Whitehead, constituindo o ponto de encontro dos homens de negócio ingleses residentes no Porto. Júlio Dinis, elegeu-a como tema principal do seu romance "Uma Família Inglesa".

²⁹ A Igreja Anglicana, St. James Church e o cemitério inglês, ficam situados no Largo da Maternidade Júlio Diniz.

³⁰ Sociedade Recreativa fundada em 25 de Abril de 1903 e que era um local de encontro da comunidade britânica no Porto. Actualmente, o Clube Inglês funciona na R. do Campo Alegre, estando o antigo edifício da R. das Virtudes ocupado por um Centro Social dos Serviços de Assistência Organização de Maria. Ao nível das instituições fundadas pelos ingleses no Porto, não podemos deixar de referir o *Oporto Cricket and Lawn-Tennis Club*, fundado em 1855, pioneiro dos campos relvados na cidade. De 1866 é o *British Rowing Club*, depois conhecido como *Oporto Boat Club*, de 1886, o *Seamen's Club* (no nº 71 da R. da Alfândega); de 1893 a *Oporto British School*. Na Foz, foi fundado o *Lawn-Tennis* de Carreiros, em 1902, na R. do Monte. Na R. das Motas, em plena Foz Velha o *Mary Castro English Hotel*, ou ainda, o *Boavista Foot-balers*, fundado por quadros técnicos da fábrica *Graham* (Fábrica de Fiação e Tecidos da Boavista, de *William Graham & C.*), que deu origem ao actual Clube do Boavista.

- à Praça da Liberdade e da Batalha "se o leitor visitar a Alta da cidade e a sua grandiosa Praça da Liberdade - tão moderna e vistosa como qualquer uma de Paris ou Londres"; "a Batalha³¹ - *Piccadilly Circus* portuense, com os seus hotéis e cafés regozijam de gente" (Gibbons, p. 311 e 321);

- à Ribeira e ao Bairro da Sé, e até mesmo as condições habitacionais degradantes destes bairros e das *ilbas*, são realçadas nesta visita guiada por Gibbons, " [Na Ribeira] (...) existe bastante desordem (...) com tabernas e bares, vielas estreitas e escadas, (...) onde vulgarmente eram cortadas gargantas (...) para ver os bairros da lata portuense, basta ir à velha Sé. (...) O submundo da cidade está bem representado na Rua de São Victor, não tanto pelo vício, mas pela arrepiante miséria. Os antigos *courts* de Manchester e Glasgow foram na sua maioria varridos, mas o Porto tem ainda as suas *ilbas*, vielas inclinadas e terrivelmente superpovoadas" (Gibbons, p. 317)³²;

- à campanha de salubridade das *ilbas* e a construção de novos bairros municipais efectuados pela Câmara Municipal, "a Câmara do Porto está a deitar abaixo estes bairros de lata e a construir bairros sociais em sua substituição. Enfim, está a erguer-se uma nova cidade do Porto" (Gibbons, p.318);

- a Estação de S. Bento "aos olhos de um inglês, nada terá de notável: (...) é praticamente um coberto cheio de correntes d' ar (...) mas tem as paredes completamente cobertas de azulejos representando cenas da História de Portugal, que vale a pena serem vistos" (Gibbons, p. 319);

Como o autor o afirma, "vale a pena a visita e aconselho o leitor a não perder a oportunidade de conhecer o Porto" (Gibbons, p. 321).

5. Considerações feitas pelo autor ao estado novo e as reformas introduzidas por Salazar

John Gibbons, ao longo de todo o livro tece várias considerações acerca do "Novo Portugal", que estava a ser construído pelo "Dr. Salazar".

Na verdade, as suas abonações e apreciações ao Estado Novo e a descrição bucólica que faz do Portugal rural, tão ao gosto do regime, são, sem dúvida razões suficientes para o prémio que recebe com este livro, aliás entregue pelo próprio Director do Secretariado de Propaganda Nacional António Ferro, cuja obra "Salazar", Gibbons também traduziu.

Entre essas referências, salientam-se, sobretudo a propaganda feita ao sistema de Educação Nacional, assente nos valores do nacionalismo (através da exaltação dos heróis nacionais e evocação da grandeza do Império, patente nos manuais escolares, particularmente nos de História) e do catolicismo, instituído pela reforma do ministro Carneiro Pacheco, em 1936 e às forças corporativas de carácter paramilitar juvenis instituídas pelo regime (a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa):

³¹ O prestígio desta praça, na época, estava também, sem dúvida, associado à presença do Teatro de S. João e aos cinemas Batalha e Águia d' Ouro (infelizmente, o segundo encontra-se, actualmente, abandonado e degradado, o primeiro foi recuperado).

³² Como salienta Calado, p. 144, a descrição de Gibbons sobre a Ribeira é uma das únicas em relatos de viagens inglesas deste período, devido à má fama que possuía.

- "Sei (...) que a maioria dos adultos [da aldeia] é analfabeta, mas o governo de Salazar está a modificar as coisas. Se bem que os pais não saibam ler nem escrever, o mesmo não se passa com as crianças" (Gibbons, p. 33);

- "[um cartaz] era alusivo às glórias do Portugal Passado (...) nos livros apareciam quadros representando as Possessões Ultramarinas portuguesas como o terceiro maior Império Colonial e os [heróis como] Vasco da Gama, o homem que deu ao mundo a Índia que os portugueses conseguiram conquistar (...) Àquelas crianças estava a ensinar-se, pelo menos, o sentido da dignidade nacional. (...) o Novo Portugal voltara a pôr o Crucifixo nas escolas, das quais fora banido depois da revolução de 1910" (Gibbons, p. 60-70);

- "(...) Aqui, em Portugal, o ídolo é Salazar ...Reparo que pelo menos quatro dos seis senhores sentados à mesa [na pensão de Carrazeda], usam um distintivo de metal com uma cruz verde, o que significa que pertencem à Legião Portuguesa e são adeptos indiscutíveis de Salazar.... As crianças usam um fato do tipo dos escuteiros e pertencem a um movimento do género do *Ballila* da Jovem Itália. (...) todos estes movimentos servem para a formação de uma consciência nacional"(Gibbons, p.125);

- " No quadro [da pequena escola de Coleja] estava escrita uma frase (...) Salazar, Deus, Pátria, Família! É a trilogia do Dr. Salazar" (Gibbons, p.264).

6. Conclusão

O livro de Gibbons apresenta-nos um retrato singular da Região Duriense, uma região isolada, com uma paisagem de rara beleza selvagem, apenas conhecida pelo famoso vinho do Porto, onde viveu durante alguns meses sofrendo os rigores do Inverno frio e seco, aquecido pelo “consumo” e pela hospitalidade dos camponeses da região.

Percorreu as vertentes íngremes e xistosas, contemplou o nascer e o pôr-do-sol nas encostas recortadas de socacos, que o homem duramente construiu. Compartilhou as alegrias e tristezas de uma população isolada nas vertentes do Douro, que apesar de não compreender a sua língua, nem por isso deixou de acolhe-lo com generosidade e amizade.

Escrito ao correr da pena, comovente e transbordante de humanidade, este livro, lido hoje, faz-nos reviver uma época em que o tempo não contava, as distâncias eram percorridas ao ritmo lento de um comboio ou de um barco rio acima e em que as coisas mais banais que hoje nos são indispensáveis não existiam.

Hoje os novos meios de transporte e comunicação, encurtaram as distâncias, as estradas, a televisão, a internet, os novos modelos arquitectónicos das habitações, as segundas residências e o turismo, já chegaram ao Douro, contudo o ritmo do dia-a-dia ainda é o mesmo e podemos saborear a calma e a beleza duma paisagem, que permanece quase intocável.

Ainda hoje John Gibbons é recordado em Coleja numa placa alusiva, colocada sob a casa onde escreveu *I Gathered no Moss*.

Referências Bibliográficas

- ALEGRIA, M. (1990). *A Organização dos Transportes em Portugal (1850-1910)*. Lisboa: Memórias do C.E.G., nº 12.
- CALADO, A. (2005). *O Portugal de Salazar visto de uma Varanda Trasmontana*. Centro de Estudos Anglo-Portugueses, FCT.
- GIBBONS, J. (1984) - *Não Criei Musgo*. Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães.
- GIBBONS, J. Entrevista do *Diário de Notícias* de 23/03/1940.
- KULMACZ, M. (2001). *Arte e Património em Portugal olhares norte-europeus (da segunda metade do séc. XVIII a meados do séc. XIX)*. FLUP, Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal.
- LAUTENSACH, H. (1948). *Bibliografia Geográfica de Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- PINHO, Jorge (2009). *The selective traveller in Portugal' : Anacrónicos e Peculiaridades de um olhar sobre Portugal*. “Via Panorâmica”, 2, IIª Série, Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos, p. 101-128.
- PINTO, Rui Pedro (2009). *Prémios do Espírito - Um estudo sobre prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2ª ed..
- TABORDA, Virgílio (1932). *Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

